

Projeto PIPA: Compartilhando os Desafios da Mobilização de Homens Jovens em Nova Contagem

Área Temática de Saúde

Resumo

Neste trabalho oferecemos uma reflexão sobre o processo de mobilização de adolescentes pais para o Programa de Inclusão do Pai Adolescente - PIPA na comunidade de Nova Contagem. O PIPA, como projeto de pesquisa-ação realizado entre os anos 2000 e 2003, mobilizou o debate na academia, nas comunidades e instituições envolvidas sobre a questão relevante do envolvimento dos homens jovens no cuidado da saúde sexual e reprodutiva e no exercício da paternidade. O PIPA tem como objetivo contribuir para dar visibilidade à questão da paternidade na adolescência por meio de intervenções que apresentam a dupla finalidade de educar e produzir/disseminar conhecimento, em vista de uma revisão crítica e da transformação da identidade masculina. Neste estudo apontamos os desafios enfrentados na articulação do apoio necessário ao desenvolvimento do projeto e as estratégias que utilizamos para conquistar a adesão dos adolescentes à nossa proposta. Oferecemos também nossa contribuição para o debate sobre articulação entre extensão, ensino e pesquisa na medida em que refletimos sobre o momento atual do projeto que gradativamente vai se tornando programa permanente como campo para prática da extensão universitária.

Autores

Luiz Carlos Castello Branco Rena - Pedagogo e Mestre em Psicologia Social
Professor do Curso de Psicologia PUC Minas-Betim
Rubens Ferreira do Nascimento - Psicólogo e Mestre em Psicologia Social

Instituição

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

Palavras-chave: adolescência, gênero, comunidade

Introdução e objetivo

Neste artigo pretendemos apresentar o relato da experiência de mobilização no âmbito de uma pesquisa-ação, refletindo sobre os desafios inerentes aos processos de construção do conhecimento em que a comunidade é chamada a colaborar na mobilização dos sujeitos da pesquisa. Isto implica o esforço de uma leitura da própria prática de investigação/intervenção. Neste trabalho queremos colocar no centro da nossa reflexão a questão da mobilização dos sujeitos da pesquisa e o aprendizado que tem significado esse esforço de tornar realidade o Programa de Inclusão do Pai Adolescente – PIPA. Este projeto de pesquisa-ação realizado entre os anos 2000 e 2003, com grupos de adolescentes da região metropolitana de Belo Horizonte, mobilizou o debate na academia, nas comunidades e instituições envolvidas sobre a questão relevante do envolvimento dos homens jovens no campo da saúde sexual e reprodutiva e no exercício da paternidade. O desdobramento mais importante deste empreendimento foi sua transformação em projeto de extensão a partir de uma parceria entre o Centro de Estudos da Infância e Adolescência – CEIA, o poder público e a universidade: PUC Betim

O PIPA tem como objetivo último “contribuir para dar visibilidade à questão da paternidade na adolescência por meio de intervenções que apresentam a dupla finalidade de educar e produzir/disseminar conhecimento, em vista de uma revisão crítica e da transformação da identidade masculina e da paternidade.” (NASCIMENTO e RENA, 2000) Assim, pretendemos, contribuir para o enriquecimento teórico e metodológico, nas áreas da adolescência, da identidade masculina e da paternidade, ampliando a compreensão da vivência e/ou da representação da paternidade em adolescentes masculinos pobres vivendo na periferia de uma grande metrópole. É também nossa intenção subsidiar políticas públicas e programas de intervenção propondo um modelo educativo viável à atuação de agentes comunitários, como também a formação de jovens líderes que possam disseminar o projeto de construção de masculinidades e paternidades, mais compromissados no que tange à maior igualdade nas relações de gênero e em outros aspectos das relações sócio-políticas.

Como pesquisa-ação, o PIPA se realiza através do método das “Oficinas”. Este método possibilita uma abordagem dos sujeitos no contexto de pequenos grupos organizados conforme critérios previamente estabelecidos. A Oficina como processo grupal se constitui de uma vivência que integra diferentes estratégias de interação onde as pessoas são envolvidas cognitivamente e emocionalmente com uma questão relevante ou experiência significativa. (AFONSO, 2000) Neste modelo metodológico a palavra na forma de discurso individual, falado ou escrito não é o único instrumento de mediação entre os sujeitos envolvidos e entre estes e a realidade. Tendo como suporte básico, mas não exclusivo, a dinâmica de grupo de Kurt Lewin (1973), ao grupo em oficina são oferecidos outros recursos de linguagem como o desenho, a modelagem, a colagem, fotolinguagem, a expressão corporal, entre outras possibilidades de expressão da subjetividade e interação entre os participantes. (RENA, 20010).

Adolescentes vivendo em situação de pobreza.

Os bairros escolhidos, Vale do Jatobá e Nova Contagem, são identificados como aglomerados de famílias de baixo poder aquisitivo, apresentando inclusive alguns núcleos de famílias vivendo abaixo da linha da pobreza. Os adolescentes vinculados ao Juizado da Infância e Juventude de Belo Horizonte – JIJ/BH também se situam em comunidades empobrecidas, mas com o agravante de que estão mais vulneráveis uma vez que estão mais expostos à ação do tráfico e do crime organizado. Na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG fomos encontrar adolescentes também empobrecidos, mas marcados por uma outra particularidade: a experiência da inserção no mundo do trabalho e no âmbito de uma instituição acadêmica. Tratava-se de criar um fato político que mobilizasse a atenção da imprensa, de lideranças comunitárias, gerentes de programas e organizações governamentais, direções de ONGs, interlocutores no mundo acadêmico, entre outros setores para a necessidade de uma atenção específica para o adolescente ou homem jovem no exercício da paternidade. Dessa forma os dados desse estudo podem oferecer elementos para compreendermos um pouco mais jeitos de viver a masculinidade na adolescência: inserido na escola e integrado ao mundo do trabalho e excluído da escola e à margem do mercado de trabalho. Para este artigo escolhemos a experiência de Nova Contagem como fonte de nossa reflexão por considerar que o processo ali vivenciado se destaca em relação aos outros pela riqueza de situações e de dilemas com os quais nos deparamos.

Nova Contagem: diversificando as estratégias de mobilização dos adolescentes.

A presença dos adolescentes de Nova Contagem em Betim e a ausência absoluta dos adolescentes do local nos obrigou a avaliar nossa decisão de realizar o segundo grupo do PIPA na Região do Jardim Teresópolis e Imbiruçu. Com apoio da Cooperação para o Desenvolvimento e Morada Humana - CDM avaliamos, durante reunião de mulheres do Clube de Mães da Comunidade Nova Esperança, a possibilidade de organizar o grupo em Nova Contagem. Participou também desse momento um dos religiosos atuantes na

comunidade que muito contribuiu para pensar as estratégias de mobilização. Esse apoio da CDM, que se deu por meio do compromisso ético-político da profissional de serviço social com a adolescência e seus desafios, determinou a alteração dos rumos do PIPA e alargou os horizontes da nossa atuação.

Metodologia

Na reunião no Clube de Mães decidimos constituir o grupo de pais adolescentes em Nova Contagem. Dialogando com as mulheres traçamos as primeiras estratégias de divulgação do PIPA e de identificação dos rapazes. As próprias mulheres se comprometeram na localização e no encaminhamento dos adolescentes pais para a coordenadora do Clube de Mães. O Religioso comprometeu-se em divulgar o projeto e distribuir material informativo junto às comunidades católicas. Merece destaque o envolvimento efetivo e voluntário da Coordenadora do Clube de Mães. Ela demonstrou compromisso com o PIPA compartilhando com os pesquisadores diversas tarefas práticas no encaminhamento do processo de localização e sensibilização dos adolescentes, assim como contribuiu na problematização das estratégias de aglutinação dos mesmos, trazendo elementos da realidade local que ignorávamos. Como liderança local, revelou com competência, que dominava a dinâmica das comunidades apontando riscos e possibilidades das ações em discussão.

Com a ajuda do Religioso, o PIPA foi divulgado na reunião do Conselho Paroquial que reúne lideranças de todas as comunidades. Dois contatos importantes foram agendados: uma intervenção na reunião de lideranças dos grupos de jovens católicos e outra na reunião dos Agentes Comunitários de Saúde que atuavam no Programa de Saúde da Família – PSF com um grupo de mães. Em ambas oportunidades foi possível apresentar o PIPA para algumas dezenas de pessoas. Entre os jovens houve uma reação de estranheza em função da novidade da iniciativa que focava no homem a questão da sexualidade e da vida reprodutiva. Aqui também, como no Jardim Teresópolis e no Vale do Jatobá, foi questionada a continuidade do projeto como serviço à comunidade apontando para experiências anteriores onde expectativas muito altas foram frustradas pela ausência de continuidade. No decorrer da interlocução muitos relatos de gestação não planejada vieram a tona e vários deles pediram material de divulgação se dispondo a convidar adolescentes dentro do perfil que poderiam participar do grupo.

Na atividade do PSF encontramos desde adolescentes mães de bebês recém-nascidos a mulheres avós – muitas delas assumindo a tarefa de cuidar dos netos – reunidas para uma discussão sobre cuidados de puericultura. Neste contexto a reação ao projeto foi extremamente positiva com muitas questões sobre a operacionalização do trabalho. Discutindo os desafios de envolver os homens neste debate, algumas mulheres colocavam como dificuldade para identificar os adolescentes pais outras mulheres: as mães dos adolescentes. As mães foram apontadas como uma dificuldade na medida em que se percebia um movimento por parte das mesmas no sentido de ocultar e pressionar o adolescente para não assumir o filho. Ao reconhecer publicamente a paternidade da criança este adolescente se exporia a pressão da família da parceira e viveria a obrigação moral de ter que dividir pelo menos a responsabilidade da sustentação econômica.

Buscou-se na Casa de Apoio, ONG vinculada à Igreja Batista, o apoio para divulgar o PIPA junto aos adolescentes e jovens do Programa Agente Jovem. Fizemos reuniões com a coordenadora do Programa e os monitores responsáveis pelos subgrupos de adolescentes procurando informá-los e sensibilizá-los para o apoio a nossa iniciativa. A intenção era localizar adolescentes pais no Agente Jovem ou que os participantes, rapazes e moças pudessem nos fazer indicações de conhecidos com esse perfil. Esperávamos também daquela entidade a sessão do espaço onde realizaríamos as oficinas. Não nos chegou nenhum

adolescente indicado pela Casa de Apoio e embora tenhamos sido bem acolhidos por seus representantes, o uso do espaço não foi viabilizado.

Com o auxílio de um jovem morador da localidade visitamos duas rádios comunitárias: a Rádio Milênio e a Rádio Novo Horizonte. Fomos bem recebidos por ambas. Na primeira participamos de um programa ao vivo onde divulgamos o PIPA e convidamos a comunidade para nos apoiar na constituição do grupo. Na segunda também tivemos oportunidade de divulgar ao vivo o PIPA, além de deixarmos por escrito algumas chamadas que o locutor faria intermitentemente convidando os adolescentes para se inscrever no grupo em formação.

Contatamos e visitamos também a Oficina de Talentos. A entidade se disponibilizou a nos apoiar cedendo o local para as oficinas, mas nos direcionamos para outras alternativas. Outra ação visando à divulgação foi feita junto a um jornal de circulação local. No entanto não conseguimos encontrar o responsável nem obtivemos resposta assertiva aos recados que deixávamos.

Também em Nova Contagem adotamos o procedimento da visita domiciliar para o primeiro contato como estratégia de aproximação da família e do contexto de vida destes adolescentes. Aos quinze adolescentes visitados apresentávamos superficialmente o PIPA como um espaço de troca de experiências e entregávamos o pequeno convite para uma conversa mais aprofundada seguida de um churrasco. A conversa e o churrasco (sugestão da líder comunitária) aconteceram como estava previsto, mas com apenas cinco adolescentes. Avaliando com os próprios adolescentes a fraca resposta ao nosso convite constatamos que naquela realidade a construção desse vínculo com um projeto de pesquisa implicava concorrer com outras atividades não menos importantes como: a convivência familiar no domingo sobretudo para aqueles que trabalham, as atividades da comunidade religiosa, a competição com o time de futebol, entre outras ofertas próprias dos finais de semana. Considerando o baixo nível sócio-econômico e as escassas possibilidades de trabalho, nossa ação concorria com as chances de geração ou ampliação da renda, tornando ainda maior a dificuldade em trazer o adolescente para todas as outras esferas de convivência.

Diante dessa realidade decidimos pelo envolvimento dos adolescentes ali presentes no processo de mobilização dos outros que não compareceram para uma outra atividade que associasse o futebol e a convivência familiar. Com o envolvimento dos adolescentes e com a retaguarda do Clube de Mães mobilizamos cerca de 12 rapazes para um dia de convivência. Através do Clube de Mães conseguimos que a médica, que atuava no Posto de Saúde local, cedesse seu sítio localizado nas imediações de Nova Contagem. Na manhã de domingo nos deslocamos com os adolescentes e respectivas famílias para o sítio que nos foi cedido. Antes da bola, do banho de piscina e do almoço tivemos um momento intenso de discussão sobre os objetivos do PIPA e as condições para viabilizar a constituição do grupo em Nova Contagem. Nesta oportunidade anunciamos que em cada encontro do grupo estaríamos sorteando uma cesta básica.

Quinze dias depois iniciávamos o segundo grupo do PIPA com a participação de 10 adolescentes, realizando uma vivência que mobilizasse os participantes para a constituição do vínculo grupal estimulando e valorizando o compartilhamento de histórias e expectativas. Entre o dia de convivência e a primeira Oficina em Nova Contagem incluímos uma nova estratégia de comunicação com os nossos sujeitos de pesquisa: o “PIPA Informa”. Como boletim informativo o “Pipa Informa” circulava quinzenalmente uma semana após o encontro resgatando a experiência da Oficina realizada e renovando o convite para o próximo. A produção, edição, impressão e distribuição do “PIPA Informa” constituiu uma das muitas tarefas assumidas pelos estagiários de psicologia inseridos no projeto. Na segunda Oficina o grupo acolheu mais jovens prosseguindo no esforço de construção do vínculo e já explorando os eixos temáticos centrais do PIPA: adolescência, masculinidade e paternidade.

Entre a segunda e terceira oficina um fato dramático nos obrigou a avaliar a continuidade do PIPA em Nova Contagem. O sítio cedido para a realização das atividades foi assaltado por um grupo armado. A suspeita de que dois dos adolescentes que estiveram nas Oficinas estariam envolvidos no assalto inviabilizou a continuidade das atividades no sítio. Após esse fato passamos a nos preocupar mais com a segurança da equipe. A decisão de transferir as atividades do projeto para outro local exigiu a articulação com a Escola Municipal Babita Camargos, em Contagem, cuja direção acolheu e apoiou com muita firmeza. Para viabilizar a presença dos adolescentes contratamos um serviço de transporte para o grupo que funcionou com uma certa precariedade e muitos atrasos. Estes fatos, dentre prováveis outros, impactaram o grupo que aos poucos foi se esvaziando até que restaram três participantes. Esses insistiam em manter o grupo.

Resultados e discussão

Aprendendo com a experiência

A experiência de mobilização acima descrita exige reflexão sobre algumas questões que atravessam o esforço de produzir conhecimento com envolvimento da comunidade, tornando o processo da investigação por si só uma contribuição efetiva para o crescimento das pessoas e o desenvolvimento da comunidade (NASCIMENTO, 2003). Há uma diversidade de caminhos metodológicos para se abordar aqueles que elegemos como nossos objetos de pesquisa e todos eles implicam algum risco. Cabe nesta conclusão problematizar as estratégias que adotamos para mobilizar os adolescentes nos diferentes contextos comunitários e institucionais apontando para os limites e possibilidades dessa escolha metodológica.

A escolha inicial pelas comunidades do Vale do Jatobá, Jardim Teresópolis e Milionários para a constituição do 1º, 2º e 3º grupos respectivamente obedeceu a um critério básico: o sociológico. Naquele momento importava dar visibilidade a experiência da paternidade vivida por adolescentes homens inseridos em contextos de pobreza. Entendemos que a localização geográfica seria suficiente para assegurar esse perfil – como de fato o foi – e que a escola seria a porta de entrada na comunidade. No entanto, o esforço de mobilizar adolescentes para o primeiro grupo revelou que o vínculo com a comunidade ou bairro era frágil para sustentar a decisão do adolescente de aderir ao projeto que implicava um compromisso da pessoa com o grupo. O baixíssimo número de inscrições que resultaram das nossas intervenções nas escolas da região do Vale do Jatobá revelou que o respaldo institucional da universidade e o discurso da ciência comprometida com a vida e com a realidade do adolescente da periferia foram insuficientes para mobilizar o desejo. É evidente que faltou uma leitura mais adequada do interesse dos adolescentes – nosso público alvo – e estratégias mais eficazes para assegurar a motivação dos jovens. É possível, também, que a presença ostensiva das direções das escolas no processo de mobilização nas turmas, para apoiar-nos tenha tido efeito ao contrário, contribuindo para essa rejeição silenciosa dos alunos. Nas escolas municipais as relações estavam muito desgastadas por uma greve prolongada dos professores que receberam friamente o projeto e a necessidade de nossa intervenção nas turmas. Essa indiferença contrasta com a adesão entusiasmada que um de nós obteve em experiência anterior realizada no interior de Goiás, em 1993, quando o número de adolescentes disponíveis para o trabalho excedeu ao necessário nos obrigando a realização de seleção (RENA, 2001). A articulação com a Escola SESI viabilizou a formação do grupo naquela região. No entanto é preciso considerar que a maioria dos jovens atendeu a convocação daquela escola na expectativa de que seriam inseridos em um novo programa que implicasse na complementação da renda. A notícia de que o PIPA não direcionava recursos para remuneração gerou uma certa insatisfação e em diversos momentos do encontro a questão do encaminhamento para o trabalho era colocada. Vale ressaltar que o momento mais significativo da interação ocorreu quando se fez referência ao exercício da paternidade, hoje,

como uma experiência marcada pelo desemprego, pelo alcoolismo, pela violência entre outros desafios que atravessam o cotidiano das famílias hoje. O grupo se mostrou sintonizado quando se fez referência a esse modelo de paternidade que se quer superar. Foi como se tivéssemos encontrado um desejo a ser compartilhado. Certamente, este momento em que transitamos na intimidade de cada um se constituiu um dos fatores importantes na sensibilização para adesão às Oficinas.

O papel desempenhado pela escola do SESI evidenciou a força da instituição. A inserção efetiva daquela instituição na dinâmica da comunidade faz a diferença e relação à Universidade. Apresentar-se como parceiro da Escola, naquele contexto, diz mais do que se colocar como membro da instituição acadêmica. Neste sentido ampliamos as parcerias institucionais no esforço de constituir o segundo grupo na Região de Jardim Teresópolis/Imbiruçu. Para constituir o segundo grupo, mantivemos a opção do critério geográfico reunindo adolescentes indiciados por diferentes forças atuantes nas comunidades. Diferentemente do Vale do Jatobá onde concentramos nosso esforço nas escolas, a articulação com os serviços de saúde e os programas de promoção social do poder público municipal, bem como a articulação com os grupos vinculados à Pastoral da Juventude, ampliariam as portas de acesso aos sujeitos demandados pela pesquisa. Entendíamos, também que o processo de discussão desencadeado no interior das instituições e grupos aos quais propúnhamos parceria se revestia de valor político. Referimo-nos ao debate sobre as questões relativas à paternidade na experiência de homens adolescentes que de certa forma problematizava a quantidade e a qualidade da atenção oferecida pelas diferentes instituições aos desafios inerentes ao envolvimento do homem adolescente com a sexualidade e a vida reprodutiva. Podemos afirmar, também, que com essa incursão nas instituições iniciávamos a construção das condições necessárias às parcerias que assegurassem a continuidade de programas permanentes no futuro. Programas que contemplassem a dimensão da extensão universitária. Permanece a necessidade de ampliar e aprofundar a construção da rede em torno de um propósito: a atenção ao adolescente pai.

A estratégia de visitar as famílias dos adolescentes adotada em Betim e em Nova Contagem para o primeiro contato – visita domiciliar – convidando-os para participar do PIPA, resultou da avaliação da experiência do primeiro grupo. Além de dar ao convite um caráter mais pessoal, essa interação face-a-face permitiria uma aproximação do contexto de vida dos adolescentes. Em função da natureza da temática, que está relacionada à intimidade do sujeito e da família, era preciso também testar a estratégia de uma abordagem mais individual em que se evitasse a exposição pública do adolescente e reações frente a sua decisão de participar ou não. Considerando a homofobia e o machismo como traços marcantes da cultura colocamos também a possibilidade de que poderia se constituir em um constrangimento para o adolescente assumir sua decisão de estar num grupo de homens discutindo sexualidade e afeto. Durante as Oficinas com o primeiro grupo, mesmo em tom de brincadeira, era recorrente a cobrança pela presença feminina: “Aqui tem cueca demais. Quando é que vai ter calcinha por aqui?”

A ausência absoluta dos adolescentes contatados na Região de Jardim Teresópolis e a presença de três jovens de Nova Contagem no encontro de Betim foi uma surpresa que desencadeou outro momento de discussão no interior da equipe do PIPA. Precisávamos dar um sentido para o fracasso das nossas ações e ao mesmo tempo aprender com os fatos. Efetivamente o projeto havia sido acolhido no plano do discurso pelas instituições, organizações, famílias, pelos grupos e próprios adolescentes, mas efetivamente o projeto, daquela forma como o apresentamos, havia sido rejeitado na prática. Talvez, estivéssemos colocando o foco na questão secundária. Discutir a situação de constante exposição à violência a que estavam submetidos talvez mobilizasse mais a atenção desse público do que indagar as atitudes assumidas no exercício da masculinidade e/ou da paternidade.

Essa proximidade da violência, também resultou numa atitude que merece ser problematizada: a transferência das atividades para fora da comunidade de Nova Contagem. Em nome da segurança da própria equipe do projeto reafirmamos com esse gesto a nossa não pertença àquele universo, confirmando a nossa condição de estrangeiros em terra estranha. Nosso compromisso com o grupo não contemplava o compartilhamento do risco. Essa decisão de afastar-nos da comunidade foi de certa forma um reconhecimento de nossa dificuldade, no contexto da proposta de pesquisa, de lidar com essas situações de risco .

Os três jovens de Nova Contagem presentes em Betim também foram abordados e estimulados pela assistente social da CDM cuja vinculação se deu dentro de um programa que assegurava complementação de renda. Desde o primeiro contato, ainda no esforço para a formação do primeiro grupo, a demanda dos sujeitos por atividade geradora de renda foi evidente. Novamente tínhamos que reconhecer a importância do vínculo institucional e a prioridade das demandas relacionadas a sobrevivência e a sustentação da vida. Essa constatação levou-nos a decidir pela oferta de duas cestas básicas, que eram sorteadas a cada encontro do grupo, como estratégia de motivação para a participação. Associar o projeto à distribuição de cestas básicas foi uma decisão difícil e marcada pelo conflito. Naquele momento reproduzíamos a postura do poder público assistencialista ou do político profissional que busca assegurar a fidelidade amenizando a carência absoluta.

A idéia de ocupar parte do final de semana com atividades do projeto, coordenadas por professores no ambiente escolar, também poderia ser um fator para a baixa adesão. O ambiente físico da escola que esses adolescentes conhecem e a qualidade das relações experimentadas com a instituição escolar não colaboram para sustentar a opção de um tempo do seu fim de semana neste mesmo lugar. Essa lembrança negativa da escola ficou evidente na expressão de espanto de um dos adolescentes de Nova Contagem ao entrar nos corredores da PUC Betim. Foram necessários muitos argumentos e algum tempo para que ele se convencesse de que de fato estava no espaço de uma escola. O que incomodou o jovem foi a beleza dos jardins internos e a limpeza do espaço. O nosso discurso sobre a natureza das Oficinas como uma vivência diferente da sala de aula, que implica o envolvimento de todos na construção do conhecimento, foi insuficiente para afirmar a possibilidade de uma relação pedagógica pautada em outra lógica que não aquela da coerção e da disciplina.

Conclusões

Aprendemos durante esse percurso que o processo da pesquisa avança e as ações acontecem quando se alcança sintonia com a comunidade ou com a instituição em algum plano. O problema da pesquisa precisa ser reconhecido como um problema da comunidade ou da instituição e que a iniciativa que se propõe estará de alguma forma apontando pistas de solução para o problema. Vale ressaltar, também, que a sustentabilidade do projeto depende do grau de identificação alcançado pelos sujeitos, que estão presentes na dinâmica das instituições e organizações, que foram convocados a aderir ao projeto. O problema em foco precisa encontrar ressonância em algum momento da trajetória do sujeito adquirindo significado e permitindo a formação do laço, do vínculo indispensável ao comprometimento ético e político em torno de uma causa.

Referências bibliográficas

- AFONSO, Lúcia. Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção social. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2000.
- LEWIN, kurt. Problemas de dinâmica de grupo. São Paulo: Cultrix, 1973.
- NASCIMENTO, Rubens F. e RENA, Luiz Carlos C. B. Paternidade na adolescência: a construção da masculinidade em adolescentes pobres urbanos. Projeto de pesquisa. mimeog., 2000.

NASCIMENTO, Rubens F. Pesquisa-ação e oficinas psicossociais: recursos metodológicos de trabalho social-comunitário. In AFONSO, Lúcia et all(org.) Psicologia Social e Direitos Humanos. Belo Horizonte: ABRAPSO MG/Edições do Campo Social, 2003.

RENA, Luiz Carlos C. B. Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.